

**DIVULGAÇÃO E APROPRIAÇÃO DO MÉTODO DE LEITURA
REPENTINA, DE ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO, NO BRASIL
(1851-1855)**

DISSEMINATION AND APPROPRIATION OF ANTÓNIO FELICIANO
DE CASTILHO'S SUDDEN READING METHOD IN BRAZIL (1851-1855)

DIVULGACIÓN Y APROPRIACIÓN DEL MÉTODO DE LECTURA
REPENTINA POR ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO, EN BRASIL
(1851-1855)

Suzana Lopes de Albuquerque
<https://orcid.org/0000-0002-2001-5942>

Juliano Guerra Rocha
<https://orcid.org/0000-0001-7101-0116>

Resumo: Contando com uma rede de apoiadores e adeptos, o poeta português António Feliciano de Castilho (1800-1875) encontrou, por outro lado, resistências e intitulou de “adversários” os críticos ao seu método de ensino de leitura, tanto em Portugal, quanto no império brasileiro. O autor elaborou seu método a partir da proposição de diferentes reformas na instrução primária e secundária em Portugal e no Brasil, idealizando uma escola como palco de experimentações de um projeto de redenção pedagógica e social. Na tentativa de divulgação do que considerava uma novidade metodológica, o autor veio ao Brasil, em 1855. Nessa rede de sujeitos e de espaços transatlânticos de circulação de ideários pedagógicos entre Portugal e Brasil, o objetivo deste escrito é investigar a divulgação e apropriação das ideias de António Feliciano de Castilho, em específico do seu método de leitura repentina, antes de sua vinda ao Brasil. Desse modo, o artigo ancora-se numa análise de diversas fontes documentais, tomando como recorte temporal inicial o ano de 1851, quando na imprensa brasileira houve, mais enfaticamente, anúncios da primeira edição do método Castilho, intitulado de *Leitura Repentina* (1850), até a chegada de seu autor ao país, em março de 1855. A partir desse intervalo de tempo, inicialmente destaca-se a abertura de escolas pelo método de leitura repentina nas províncias do

império e, na sequência, analisa-se a *Cartilha de leitura repentina, ou plágio do Método Castilho* (1854), escrita pelo português João Vicente Martins (1808-1854), naturalizado brasileiro, que objetivava difundir a proposta de Castilho pelo Brasil.

Palavras-chave: António Feliciano de Castilho. Império brasileiro. João Vicente Martins. Método de leitura repentina.

Abstract: With a network of supporters and followers, the Portuguese poet António Feliciano de Castilho (1800-1875) encountered, on the other hand, opposition and called critics of his method of teaching reading "adversaries", both in Portugal and in the Brazilian empire. The author developed his method based on the proposition of different reforms in elementary and secondary education in Portugal and Brazil, envisioning a school as a platform for experimenting with a pedagogical and social redemption mission. In order to propagate what he saw as a methodological originality, the author traveled to Brazil in 1855. The goal of this paper is to investigate the dissemination and appropriation of António Feliciano de Castilho's ideas, specifically his method of sudden reading, before his arrival in Brazil, within this network of individuals and transatlantic spaces for the circulation of pedagogical ideas between Portugal and Brazil. Thus, this paper is based on an examination of various documentary sources, beginning in 1851, when the Brazilian press emphasized the first edition of Castilho's method, entitled *Leitura Repentina* (1850), and ending in March 1855, when the author arrived in the country. From this time period, we outline the establishment of schools using the sudden reading method in the empire's provinces, followed by an examination of the *Cartilha de leitura repentina, or plagiarism of the Castilho Method* (1854), written by the Portuguese João Vicente Martins (1808-1854), naturalized Brazilian, with the goal of spreading Castilho's proposal throughout Brazil.

Keywords: António Feliciano de Castilho. Brazilian Empire. João Vicente Martins. Sudden reading method.

Resumen: Apoyándose en una red de partidarios y adeptos, el poeta portugués António Feliciano de Castilho (1800-1875) encontró, por otra parte, resistencias y llamó "adversarios" a quienes criticaban su método de enseñanza de la lectura, tanto en Portugal como en el imperio brasileño. El autor elaboró su método a partir de la propuesta de diferentes reformas en la educación primaria y secundaria en Portugal y en Brasil, proyectando una escuela como escenario de experimentaciones de un proyecto de redención pedagógica y social. En el intento de divulgación de lo que consideraba una novedad metodológica, el autor llegó a Brasil en 1855. En esta red de sujetos y de espacios transatlánticos de circulación de idearios pedagógicas entre Portugal y Brasil, el objetivo de este artículo es investigar la difusión y apropiación de las ideas de António Feliciano de Castilho, en particular de su método de lectura repentina, antes de su llegada a Brasil. De esta manera, el artículo se ancla en un análisis de varias fuentes documentales, tomando como marco temporal inicial el año 1851, cuando hubo en la prensa brasileña, de manera más enfática, anuncios de la primera edición del método Castilho, titulado *Lectura Repentina* (1850), hasta la

llegada de su autor al país, en marzo de 1855. De ese período de tiempo, se destaca inicialmente la apertura de escuelas por el método de lectura repentina en las provincias del imperio y, en la secuencia, se analiza la Cartilha de leitura repentina, ou plágio do Método Castilho (1854), escrita por el portugués João Vicente Martins (1808-1854), naturalizado brasileño, que tuvo como objetivo difundir la propuesta de Castilho por Brasil.

Palabras clave: António Feliciano de Castilho. Imperio brasileño. João Vicente Martins. Método de lectura repentina.

Introdução

O poeta português António Feliciano de Castilho (1800-1875) elaborou um método de ensino de leitura e escrita em sua estadia no povoado da ilha de São Miguel, em Portugal, momento em que “encontrou vários agricultores analfabetos, sentindo então a necessidade de disseminar meios apropriados para o desenvolvimento da leitura relativa às atividades agrícolas” (ALBUQUERQUE, 2023, p. 74). Apresentou, para isso, proposições de reformas para a instrução primária e secundária em Portugal e no Brasil, idealizando uma escola como palco de experimentações em um projeto de redenção pedagógica e social.

Na tentativa de vulgarizar o que ele considerava novidade metodológica frente ao ensino por ele denominado “velho”, planejou uma escola metódica para aplicar seu método intitulado de *Leitura repentina* na primeira edição de 1850. Essa obra foi ampliada e passou por modificações em seu conteúdo e título em 1853, quando foi lançada a segunda edição, sob o título *Método Castilho para o ensino rápido e aprazível do ler impresso, manuscrito e numeração; e do escrever manuscrito: obra tão própria para as escolas como para o uso das famílias*.

Para divulgar seu método, Castilho veio para o Brasil em 1855, momento em que ministraria um curso, conforme anunciado em vários jornais em diferentes províncias. Entretanto, como Albuquerque (2023) informa, por vários motivos políticos, filosóficos, históricos e pedagógicos, tal curso foi cancelado em um contexto de querelas entre os considerados “amigos” e “adversários” pelo poeta.

Dessa maneira, este trabalho assume por objetivo investigar a divulgação e apropriação das ideias de António Feliciano de Castilho, em específico do seu método de leitura repentina, antes de sua vinda ao Brasil. O recorte temporal está

circunscrito, portanto, aos anos de 1851 a 1855. A data inicial se refere ao momento em que seu livro *Leitura Repentina* começa a ser vendido em livrarias no Brasil, até 1855, mais especificamente março desse ano, data da chegada de Castilho ao Rio de Janeiro.

Sendo assim, o trabalho está organizado em dois tópicos principais. O primeiro apresenta uma rede de apoiadores de Castilho no império brasileiro. Esses adeptos divulgaram o seu método antes de seu curso, mobilizando processos educativos projetados e experimentados em uma perspectiva transnacional, a partir de proposição da abertura de escolas de instrução primária, sob a égide de serem de “leitura repentina”.

Entre os adeptos do método Castilho, no segundo tópico deste escrito, é destacado o português João Vicente Martins (1808-1854) que, morando no Brasil, elaborou a *Cartilha de leitura repentina, ou plágio do Método Castilho*, e investiu na sua impressão e divulgação em 1854, um ano antes da vinda de Castilho. Como Martins faleceu no mesmo ano de lançamento da cartilha, não conseguiu se encontrar com o poeta português em solo brasileiro.

Divulgação das ideias de Castilho antes de sua vinda ao Brasil

Rastreando caminhos do método de Castilho em diferentes fontes históricas no Brasil, foram localizados inúmeros adeptos brasileiros e portugueses residentes no império que investiram na divulgação do método criado pelo poeta português. Albuquerque (2022) registrou parte dessa rede de apoiadores no império brasileiro, sendo ela ampliada neste tópico, a partir de novos documentos identificados na Hemeroteca Digital Brasileira, hospedada no site da Fundação Biblioteca Nacional¹.

Ao traçarmos como marco temporal das buscas pelas fontes os anos que antecederam a vinda de Castilho à Corte brasileira, foram localizadas inúmeras matérias divulgando o método e o curso que ocorreria em 1855. Antes mesmo da instalação do curso, observa-se que Castilho não era um homem desconhecido para os brasileiros, pois vários sujeitos e instituições já haviam se comprometido com o uso e divulgação de seu método.

¹ Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 30 jun. 2023.

Quinta feira derão-nos os jornaes uma agradável e esperançosa noticia, annunciando que ás 5 horas da tarde desse dia o Sr. conselheiro Antonio Feliciano de Castilho abriria um curso de *leitura repentina* em uma das salas da escola militar. Adivinhámos logo que esse acto seria muito concorrido. O Sr. conselheiro Antonio Feliciano de Castilho não era um homem novo para os Brasileiros; muito antes que tivesse aportado ás nossas praias, muito antes que se houvesse lembrado de vir visitar a terra de Santa Cruz, já o seu nome mil vezes tinha sido repetido com elogio entre nós, e já com elle havíamos nós os Brasileiros conversado horas inteiras, vendo o homem no estylo de seus escriptos, sentindo-lhe o coração nas suas poesias (JORNAL DO COMMERCIO, 1855a, p. 1).

O curso anteriormente citado, realizado na Escola Militar na Corte brasileira, contou com a presença de várias pessoas, tais como o “Srs. ministros do império, inspector geral da instrucção publica, alguns senadores, os membros do conselho de instrucção publica, quase todos os professores do imperial collegio de Pedro II, muitos professores publicos e algumas senhoras” (JORNAL DO COMMERCIO, 1855a, p. 1). No relato memorialístico de Júlio de Castilho, filho de António de Feliciano de Castilho, o autor expõe algumas informações acerca da organização do curso.

Tudo se fez; e logo na quinta-feira 22 de março desse ano memorável de 1855, convidada a Imprensa da Capital, era inaugurado com a primeira preleção de Castilho o Curso Normal, na sala grande dos atos da Escola Militar, prosseguindo nas segundas-feiras, quartas, e sextas, das 4 às 6 da tarde. Eram quinhentos e oitenta e nove os matriculados, e entre eles apareceram Delegados officiais de algumas Províncias, tais como o Piauí, as Alagoas e a Bahia, cujo comissionado era muito distinto e inteligente, Philippe José Alberto (CASTILHO, 1902, p. 243).

Em 1851, quatro anos antes de se intensificar a divulgação do método Castilho no Brasil, quando ocorreu o seu curso no império brasileiro, o *Diário de Pernambuco* já propagandeava a venda do livro *Leitura Repentina* na seção de “Livros Baratos” (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1851, p. 4). Especialmente a partir desse ano, em diferentes jornais das províncias brasileiras, houve uma alargada divulgação da obra de Castilho, tanto dessa primeira edição do método, quanto das edições posteriores. Nos anúncios era comum a descrição de que eram “obras modernamente publicadas” por Castilho, sendo o método descrito como “adornado com muitas estampas” e de “grosso volume”, o que poderia não apenas incitar possíveis compradores, na busca de enaltecer o conteúdo do livro, como também

divulgar o seu autor (JORNAL DO COMMERCIO, 1853a, p. 3). Interessante se faz destacar que no mesmo ano da segunda edição do livro, 1853, ele já era divulgado e estava à venda em livrarias do Rio de Janeiro e, posteriormente, em outras províncias do país.

Além da divulgação da venda do livro, outra estratégia utilizada para difusão do método Castilho no Brasil foi a abertura de escolas para experiência dessa proposta, o que dialoga com as muitas estratégias comerciais de autores brasileiros de cartilhas no século XIX, que abriam escolas regidas com o seu método, no intuito de divulgá-lo, ampliar as vendas e conseguir reconhecimento para patentear-lo junto ao governo, visando sua aprovação de uso nas escolas e possíveis financiamentos. A partir das fontes da imprensa, conseguimos rastrear algumas dessas escolas abertas com a proposta de experimentação do método Castilho no solo brasileiro. Mesmo que algumas delas não tenham sido efetivamente abertas, consideramos que o fato de se planejar essa experiência já indicia o alcance dos ideários de Castilho e sua influência no pensamento educacional brasileiro, em especial no que diz respeito aos métodos de ensino de leitura e escrita no Oitocentos.

No *Jornal do Commercio*, em 1853, identificamos anúncios de abertura, no Colégio Zaluar, localizado no Rio de Janeiro, de aulas adotando o método de leitura repentina de Castilho. As propagandas indicavam que o curso receberia doze alunos gratuitamente. Augusto Emilio Zaluar, diretor desse Colégio, chegou a escrever, posteriormente, artigos não somente divulgando a instituição, como também demonstrando alguns dos resultados positivos que estava obtendo com a prática do método Castilho (ZALUAR, 1853).

Na imprensa periódica fluminense, ainda em 1853, foram publicados vários artigos de João Vicente Martins, médico e divulgador da homeopatia no Brasil, sobre o qual trataremos mais detidamente no próximo tópico, indicando que abriria uma “segunda escola gratuita de leitura repentina”, ressaltando que o Colégio do professor Zaluar foi o primeiro que praticou o método Castilho no Brasil. Martins pretendia abrir uma escola que não ultrapassasse vinte e cinco matriculados, menores de doze anos, de modo que receberia apenas aqueles alunos que algum Sacerdote atestasse: “1º, que não tem ainda instrução nenhuma de leitura; 2º, que seus pais são pobres; 3º, que elles os querem fazer ensinar a ler por este methodo”

(MARTINS, 1853a, p. 3). Oferecia premiações em dinheiro para o aluno que tivesse o melhor desempenho ao final do curso.

Em Niterói, no Rio de Janeiro, também se praticava a proposta de Castilho no Colégio de São João Baptista. Esse estabelecimento, em 1853, noticiou que acolhia internos pensionistas e a instrução primária empregada era propagandeada como sendo regida por um “sistema rapido e progressista” de modo que “começam os alumnos analphabetos a serem ensinados pelo methodo de leitura repentina” (JORNAL DO COMMERCIO, 1853b, p. 4).

A questão do reconhecimento de quem principiou a prática do método Castilho no Rio de Janeiro foi alvo de debate e disputa na imprensa carioca. O Diretor do referido Colégio de São João Baptista, José Leão de Gouvêa Faria, chegou a publicar um texto no *Correio Mercantil* confrontando João Vicente Martins, ao afirmar que ele se esquecera de mencionar o seu nome como um dos que já estava, em 1853, ensaiando o método de leitura repentina. Em um dos trechos, afirmou:

Appello á sua generosidade para por meio da imprensa ser-me restituído o que pertence ao meu credito. Estou bem convencido que o mesmo senhor não consentirá que por sua causa se duvidem de minhas palavras; porque emquanto o methodo Castilho não fôr instrumento de escandalos, eu de bom grado farei todos os sacrificios possiveis para convencer aos Fluminenses, e a todas as pessoas residentes no Brasil, da belleza e utilidade desse systema, procurando torna-lo popular, visto ser reconhecidamente bom (FARIA, 1853, p. 2).

Nesse texto, Faria (1853) mencionou que Martins atribuiu a Zaluar os créditos de ser o primeiro a abrir uma escola com aulas pelo método de leitura repentina pelo fato de esse último ter o reconhecimento da Corte, enquanto ele próprio, Faria, ficava no esquecimento e na indiferença. Sobre essa questão, vale referenciar que Augusto Emilio Zaluar é citado no Parlamento Brasileiro, sendo destacado em 1854 como um dos poucos aptos a praticar o método Castilho (BRASIL, 1854). Mas, conforme exposto aqui, consideramos que José Leão de Gouvêa Faria, Pedagogo e Mestre das Primeiras Letras na Corte brasileira, como consta no *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* (RIO DE JANEIRO, 1855), está também na rede dos divulgadores de Castilho antes de sua vinda em 1855.

Na província de Pernambuco, o Colégio São Francisco Xavier, sob a direção do professor Francisco de Freitas Gambôa, anunciou a abertura de um curso, a partir de 20 de abril de 1854, objetivando o ensino pelo método de leitura repentina em vinte lições. Na nota publicada pelo docente no *Diário de Pernambuco*, ele advertiu que o curso era particular e tinha um valor determinado, que seria restituído aos alunos caso não estivessem até 01 de dezembro “prontos”, ou seja, não conseguissem ler e escrever. Ademais, esse curso admitiria gratuitamente estudantes menores de dez anos, órfãos, desde que fossem “espertos e sadios” (GAMBÔA, 1854, p. 4).

Gâmbôa (1856) declarou no jornal *O Liberal Pernambucano*, em 1856, ter sido o professor que introduziu o método de leitura repentina em sua província. Na notícia, assina como professor particular da Escola Central do Método Castilho, autorizado pelo governo, e continua divulgando essa proposta, de modo que anunciou que abriria, naquele ano, no Bairro do Recife, uma Escola Filial do Método Castilho sob a direção do professor Bernardo Fernandes Vianna. Nesse texto é possível identificar a proximidade entre Gâmbôa e Castilho, uma vez que o professor adquiriu do próprio autor os objetos para a abertura dessa Escola. Divulgar a compra desses objetos não é ocasional, uma vez que o método Castilho pressupunha vários artefatos para condução do ensino da leitura e da escrita. Castilho (1853), em sua obra, descreve cuidadosamente os espaços e materiais que deveriam ser utilizados pelo docente e projeta a sala de aula, onde cada objeto seria colocado para atingir os objetivos. As despesas com esses materiais eram, no Brasil, impeditivas para muitos professores colocarem em prática o método, corroborando as críticas e rejeições à proposta do autor português (BOTO; ALBUQUERQUE, 2018; CASTRO; BOTO; MAGALHÃES, 2022).

Em 1854, o jornal *O Liberal Pernambucano* publicou um aviso sob o título “Cura da mudez pelo methodo-Castilho”. A nota divulgava que o professor que ministrava aula de leitura repentina, na Rua da Praia, em Pernambuco, convidava as famílias a mandarem os meninos que não falavam para aprenderem pelo método Castilho. O anúncio alegava os resultados positivos que o uso do método já havia obtido com o “menino do Rev. Sr. padre Lemos” (O LIBERAL PERNAMBUCANO, 1854, p. 3).

Nesse ano, no Rio de Janeiro, foi anunciada a abertura de um curso de leitura repentina no Colégio de São Januário, na Rua de S. Diogo, n. 21. A instituição estava sob a direção dos padres João Soares de Souza e Vicente Julio Soares (JORNAL DO COMMERCIO, 1854a, p. 3). Nas províncias de Alagoas e Bahia, nesse período, houve indicações da necessidade de enviarem professores a Portugal para conhecerem o método Castilho, em função das notícias de que a proposta dava frutos naquele país (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1854a, 1854b). Na província da Bahia, no relatório enviado à Assembleia Provincial pelo então presidente João Mauricio Wanderley, é citado que, nesse período, os professores Felipe José Alberto e Antônio Gentil Ibirapitanga foram os responsáveis por praticarem o método naquela localidade (WANDERLEY, 1855). Ambos os professores são mencionados pelo próprio Castilho como apoiadores de seu trabalho no Brasil (CASTILHO; LEITE, 1857).

Ao professor Felipe é atribuído ter influenciado o Barão de Macaúbas, Abilio Cesar Borges, para a adoção do método Castilho na Bahia. Abilio participou de aulas regidas por ele, relatando os progressos dos alunos que aprendiam a ler em pouquíssimo tempo (ALBUQUERQUE, 2023). Já o professor Ibirapitanga, responsável pela alfabetização de Rui Barbosa, intelectual e político brasileiro (VIANNA FILHO, 1960), é citado como um dos precursores do uso desse método no Brasil e ferrenho defensor e divulgador de Antônio Feliciano de Castilho (O LIBERAL PERNAMBUCANO, 1855, p. 2).

Ainda em 1854, há uma nota, sem assinatura, publicada no *Jornal do Commercio*, indicando a recomendação de que o método de leitura repentina seria o mais adequado para ser adotado nas Escolas Regimentais, sob a justificativa de que era um “methodo mais rapido, e muito mais economico, sem prejuizo da disciplina e instrucção militar que todo o soldado deve aprender” (JORNAL DO COMMERCIO, 1854b, p. 2). Essas instituições voltavam-se para a formação de soldados e oficiais de patentes inferiores, já que, para fortalecimento do Exército no contexto de um Brasil imperial, era imperativo que dominassem as noções elementares de leitura, escrita e matemática. Essa experiência de abrigar nos quartéis, ou até mesmo fora deles, aulas avulsas para ensinar leitura e escrita aos soldados inspirava-se no modelo europeu, objetivando não a participação social dessas pessoas, mas a conformação ao Governo, ao próprio Exército e à Igreja. Alves (2002, p. 29) advoga

que “ser militar do Império era, também, ser professor, [...] e ser instrumento de civilização e nacionalidade”. Insta destacar que, mesmo sendo essa nota publicada no interior de uma coluna denominada “Correspondências”, que divulgava escritos enviados à redação do jornal tanto por brasileiros quanto por estrangeiros, o confronto dela com outras da imprensa do período e também com os *Annaes do Parlamento Brasileiro*, entre 1850 e 1854, leva a acreditar que se refira a uma indicação do método Castilho nas Escolas Regimentais do Brasil e não nas de Portugal.

No Parlamento Brasileiro, anteriormente, na sessão de 21 de julho de 1853, iniciou-se um debate sobre a instrução dos soldados que serviam ao exército, considerando-a como parte de um projeto para formação do país. O Deputado Jaguaribe expressa afinidades com o método Castilho, indicando-o para as Escolas Regimentais existentes na Corte e para o ensino de leitura aos soldados, defendendo que aprenderiam a ler e escrever em menos tempo. Em seu discurso ofereceu notícias da publicação da 2ª edição do método, que acabara de sair, e das vantagens de sua adoção em Portugal.

O método Castilho, por iniciativa do referido Deputado, voltou à pauta no Parlamento, na sessão de 17 de julho de 1854, quando foi defendida a uniformização da instrução primária e secundária nas províncias do país, dos métodos de ensino e a fiscalização sobre os livros adotados nas escolas. Insistia-se na introdução do método Castilho no solo brasileiro, em especial na instrução dos soldados, argumentando-se novamente com a rapidez de seus resultados.

O anno passado, quando nesta casa fallei neste methodo, tive por fim não só manifestar os meus desejos de que elle seja admittido em nosso paiz em geral, como especialmente que fosse applicado ao ensino da classe militar, isto é, introduzido nos quartéis para o ensino dos soldados. [...] o methodo Castilho, denominado facil e repentino, tenha sobre o antigo a vantagem de abreviar consideravelmente o tempo que se consome em aprender os primeiros rudimentos da leitura, segundo o affirma o seu erudito autor (JAGUARIBE, 1854, p. 171).

Jaguaribe, ao longo do seu discurso, também leu uma carta que Castilho lhe havia enviado após saber da menção que ele fez ao seu método no Parlamento, confirmando que mantinham um certo contato. Na carta lida, o poeta português reforçou os resultados que vinha obtendo, todavia demonstrou insatisfação com os

cursos de leitura repentina abertos no Rio de Janeiro por não terem os mestres acompanhado com ele próprio a prática com o “novo” método, o que prejudicou sua aplicação, fazendo com que alegassem sua ineficácia. Castilho, ainda na carta, defendeu uma escola primária popular para as pessoas de “todas as côres, idades, condições e sexos”, de modo que “a população desse imenso territorio, sem exceptuar os proprios escravos, saberia ler” (CASTILHO, 1854, p. 172). Tal ponto foi ratificado pelo Deputado, que manteve a defesa da necessidade da oferta de instrução para a população brasileira e de ações para a modificação da situação em que o país se encontrava naquele momento.

Observa-se que as oposições ao método Castilho, mais incisivamente ocorridas quando o autor chegou ao Brasil para o seu curso em 1855, já estavam instaladas nesse debate, uma vez que o discurso de Jaguaribe foi interrompido no Parlamento pelo Deputado Silveira da Motta, alegando que o que Castilho fez Valdetaro já tinha introduzido anteriormente no Brasil. Dessa forma, o tema proposto por Jaguaribe, nessa sessão, não foi levado adiante.

Albuquerque (2023) registrou como Francisco Crispiniano Valdetaro e José da Costa Azevedo foram caracterizados de forma pejorativa por Castilho em carta enviada à esposa, momento em que foram relatados como os responsáveis por fazer o poeta português “perder a cabeça em duas lições”, encerrando seu curso na Corte brasileira. Valdetaro e Costa Azevedo foram professores no Rio de Janeiro, sendo o segundo autor de um impresso escolar voltado para o ensino da leitura no Brasil Oitocentista. As oposições entre eles e Castilho “estavam marcadas por posicionamentos políticos”, em primeiro plano, que também se entremeavam “às questões metodológicas do ensino da leitura, da escrita e do projeto de constituição de uma língua” (ALBUQUERQUE, 2023, p. 178). Para Castilho, esses autores se filiavam aos princípios da filosofia Panecástica, implementada pelo francês Joseph Jacotot, de quem, segundo o poeta português, eles teriam sido plagiários (BOTO; ALBUQUERQUE, 2018).

Como mencionado, Castilho chegou ao Brasil em março de 1855 e foi recebido por diversas autoridades brasileiras. Embora tivesse oposição, também contou com uma rede de apoiadores que impulsionaram a circulação de seu método; brasileiros e portugueses naturalizados no Brasil divulgaram o autor e sua obra na imprensa e por meio da abertura de escolas pelos rincões do país. Entre as

peças e experiências anteriormente relatadas, destaca-se a ação do português João Vicente Martins e a apropriação que fez do método, o que ocasionou a publicação, em 1854, da *Cartilha de leitura repentina, ou plágio do Método Castilho* (MARTINS, 1854a), de que trataremos no próximo tópico.

Apropriação do método Castilho por João Vicente Martins

Ao buscarmos fontes históricas que apresentassem as ações dos apoiadores de Castilho em solo brasileiro, foi localizada a *Cartilha de leitura repentina, ou plágio do Método Castilho* elaborada pelo também português João Vicente Martins, que levou com afinco a proposta de divulgação do método criado pelo poeta português. Em uma rede de sujeitos e espaços transatlânticos de circulação de ideias pedagógicas entre Portugal e Brasil, intelectuais dos dois países buscaram apropriar-se dos ideários de Castilho, autor que, conforme expressou Boto (2012, p. 51), trouxe, no século XIX, “visivelmente o tema da metodologia de ensino, transformando-o irredutivelmente no epicentro de sua reflexão”.

Santos (2018) relata que João Vicente Martins nasceu em 1808, em Lisboa, formando-se para médico-cirurgião. Chegou ao Brasil em 1837, momento em que se dedicou à medicina alopática. Conheceu no Rio de Janeiro, em 1843, o francês Benoît-Jules Mure, que o influenciou encaminhando-o para a ciência da homeopatia. Desse modo, distanciou-se da medicina oficial e passou a defender os princípios homeopáticos, chegando a fundar a Sociedade Homeopática Baiana, tornando-se o “secretário perpétuo do Instituto” (SCIENCIA, 1847, p. 5).

Martins era um integrante atuante na comunidade portuguesa e por onde passou deixou algumas contribuições: no Rio de Janeiro, colaborou com a Sociedade Portuguesa de Beneficência, atuando como homeopata naquela sociedade; em Pernambuco, foi o sócio fundador do Gabinete Português de Leitura em 1850; na Bahia, ele sugeriu aos seus conterrâneos que criassem uma Sociedade de Beneficência. Além disso, Martins cooperou para e incentivou a implantação da Instituição das Irmãs da Caridade na Bahia e no Rio de Janeiro (SANTOS, 2018, p. 268).

Na imprensa, especialmente a carioca, Martins empreendeu uma campanha de divulgação do método proposto por António Feliciano de Castilho, tratando dos seus resultados e divulgando o poeta português. Visando uma vulgarização dessa

proposta, começou em 1853 a aludir à ideia de reimprimir o livro do método de Castilho no Brasil, entretanto, após uma correspondência com José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, irmão do autor, julgou ser mais pertinente publicar uma cartilha contendo o “plágio do método” (MARTINS, 1854a, p. V).

É importante destacar que as aproximações entre Castilho e Martins se intensificaram em Portugal (em Lisboa e no Porto), quando o médico presenciou experiências com o método de leitura repentina. Conforme Maciel e Rocha (2022) analisam, Martins divulgou na imprensa brasileira, anteriormente, obras do autor, como o livretinho *Eco da Voz Portuguesa por Terras da Santa Cruz* (1847). Em 1853, assim que Castilho lançou a segunda edição de sua obra, Martins propagandeou essa publicação, alertando os leitores sobre os acréscimos feitos nela em relação à edição anterior e, além disso, ofereceu ordenado, casa e livros para abertura de uma escola de leitura repentina pelo método Castilho (ROCHA, 2019).

Assim como Castilho encontrou opositores no Brasil, Martins também enfrentou muitas dificuldades em difundir a medicina homeopática, pois era uma ciência nova entre os médicos do império. Ao nos aproximarmos do seu discurso, divulgado especialmente no periódico *Sciencia*², do qual foi um dos redatores, dentre outros jornais em que expôs as ideias da homeopatia, observamos tentativas de apaziguamento de dissensões entre áreas da medicina em prol do paciente. Imbuído desse espírito conciliatório, o autor empreendeu esforços para coadunar em sua cartilha duas propostas consideradas divergentes, a de Joseph Jacotot e a de Castilho, captando as disputas ideológicas e políticas em torno dos métodos de ensino de leitura e escrita no Oitocentos.

Envolvido com essas polêmicas que a defesa pela homeopatia gerou em seu tempo, Martins dedicou-se também à elaboração da *Cartilha de leitura repentina, ou plágio do Método Castilho*, para a instrução e para o ensino da leitura e da escrita. Nela, apresenta elogios a Castilho, o “benfeitor, que nos soube fazer ensinar a ler

² Esta revista “tinha por objetivo apresentar e defender a homeopatia à elite brasileira pois, de acordo com os autores, esta moderna forma de medicação resumia toda a inovação científica. A primeira edição, fundamentada na ciência, na razão e na religião, foi impressa em julho de 1847. Esse primeiro volume apresentava a compreensão idealizada e fabulosa que os médicos homeopatas brasileiros tinham de si, apresentando-se aos seus interlocutores como pesquisadores desbravadores da verdadeira ciência médica” (MOTA; ALBUQUERQUE, 2018, p. 72-73).

brincando, livrando-nos de palmatória dos velhos mestres” (MARTINS, 1854, p. 22) e à sua obra, um

livro tão bonito, tão cheio de figura e de explicações, que basta os meninos olharem bem para essas figuras e darem muita atenção à essas explicações, para ficarem sabendo ler em muito pouco tempo sem se cansar, nem se aborrecer, e sem levar palmatoadas, como se costuma fazer nas escolas ordinárias (MARTINS, 1854, p. 17-18).

Ao adentrar no conteúdo da cartilha e sua organização, constatamos tratar-se de um livro impresso no Rio de Janeiro, na Tipografia da Viúva Vianna Junior, responsável pela publicação de diversos periódicos cariocas, como, por exemplo, do *Ilustração Brasileira*, considerado a primeira revista ilustrada brasileira, rica em gravuras que dialogam, de certa forma, com os textos publicados (SANT’ANNA, 2009). A partir dos estudos de Hallewell (2012), notamos que nesse período, no Brasil, inicia-se timidamente a expansão de tipografias, ainda escassas, pelas províncias. Além disso, o valor da impressão era muito caro, pois a maioria dos maquinários e insumos era importada. A escolha por essa tipografia e a preocupação com o custo de impressão do material não passam despercebidas para Martins.

A *Cartilha de leitura repentina, ou plágio do Método Castilho* é ornada com gravuras, reproduzidas do livro de Castilho (1853), utilizando a gilotagem, que, conforme explica Vojniak (2014, p. 169), é “uma técnica de gravação em zinco”, tendo sido Martins o seu introdutor no Brasil. O próprio autor chegou a divulgar que o atraso na publicação da cartilha foi devido às várias dificuldades que teve no percurso, entre elas a de reproduzir as gravuras presentes no método Castilho. Objetivava produzir o plágio, mas queria torná-lo acessível financeiramente. Na referida revista *Ilustração Brasileira*, Martins (1854b) publicou um artigo datado de 21 de abril de 1854, sob o título “Gillographia ou Paniconographia-Gillot”, exaltando a invenção do francês Gillot, autor da técnica capaz de em pouco tempo produzir qualquer estampa, o que poderia, tal como explicitou, facilitar e baratear a produção dos livros, popularizando os impressos para as classes pobres.

Tal como se observa nesse artigo e em outras divulgações que fez acerca do método Castilho, Martins pretendia difundir uma escola popular para as pessoas pobres do país, incentivando que os governos provinciais adotassem propostas metodológicas que garantissem o ensino rápido e eficiente da leitura e da escrita.

Seu projeto alinhava-se aos ideais de Castilho, autor que se ancorou também nessa visão de popularizar a instrução elementar. Para Martins, a adoção do método Castilho estava “a favor das classes menos abastadas, daquellas justamente que maiores dificuldades encontram na sua instrução e que mais carecem de instruir-se” (MARTINS, 1854c, p. 2).

A cartilha de Martins tem quatro partes principais, organizadas a partir de uma distinção na disposição gráfica dos números das páginas. Em numerais romanos, na primeira seção, apresenta o prefácio sob o título “Ao leitor”, enaltecendo o trabalho feito por Castilho e explicitando que havia iniciado a organização de um método baseado em Jacotot. Mas afastara-se dessa ideia, pois, segundo ele, a proposta de “JACOTOT exige uma força de vontade, que as crianças não tem nem podem ter, nem lhes pode impor” (MARTINS, 1854a, p. VI). Logo, sugere o princípio do ensino pelo método Castilho e, depois, o uso dos preceitos de reflexão de Jacotot. Ademais, indo em caminho contrário das disputas políticas e das querelas dos métodos de ensino de leitura no século XIX, adverte a união das proposições de ambos os pedagogistas, que se preocuparam com a universalização do ensino elementar: “Fiquem pois unidos estreitamente JACOTOT e CASTILHO, como dois amigos sinceros da humanidade” (MARTINS, 1854a, p. VI, grifos do autor).

Ao final do prefácio, evidencia que fará nas próximas páginas a transcrição do que vinha elaborando sob a ótica de Jacotot. Esse item está intitulado de “Padre Nosso ou Novo Methodo para ensinar a ler e escrever sem mestre nem explicações”. Nele, Martins explicita os procedimentos pelo ensino baseado em Jacotot, em que não haveria necessidade de mestre nem explicações. O método começa com a oração do “Padre Nosso” e outras orações dominicais, a partir das quais a criança memorizará as palavras e conseguirá decompor e compor sentenças, baseando-se, por conseguinte, numa perspectiva analítica para o ensino de leitura e escrita.

A segunda parte da cartilha, intitulada de “Cantos religiosos para uso das casas de educação compostos por Raphael Coelho Machado, Rio de Janeiro”, não está paginada, e contém as partituras de três cantos religiosos: “Padre Nosso”, “Ave Maria” e “Salve Rainha”. Na imprensa, Martins esclarece que essa parte da cartilha é baseada em técnicas musicais modernas, sendo sua publicação considerada por ele como uma novidade na publicação brasileira:

Pela NOVA-PAUTA-PERROT se escreve uniformemente qualquer musica, *abolindo as claves*, e conservando a cada nota sempre o mesmo nome, qualquer que seja a voz ou o instrumento que a execute.

A NOVA-PAUTA fará que a leitura da musica venha a ser tão facil como a de qualquer manuscrito, e que unisonos sejam nossos canticos de graças ao Eterno (MARTINS, 1853b, p. 2, grifos do autor).

Na sequência, em cento e cinquenta e nove páginas com números cardinais, a terceira parte da cartilha apresenta propriamente as orientações e lições do método Castilho. Por fim, são setenta páginas sem paginação, com as imagens das letras do alfabeto e dos números de 0 a 10, reproduzidos da obra de Castilho (1853).

A despeito do que alega ser um plágio, Martins (1854a) transcreve partes do livro de Castilho (1853), mas também insere os seus posicionamentos, promovendo um diálogo com o leitor, alertando das modificações que promoveu em sua cartilha, como, por exemplo, a ordem do ensino das letras do alfabeto. Propõe o início do ensino de leitura e escrita pelas vogais A, I, U, O, E, Y e, na sequência, as consoantes: P, B, M, F, V, S, Z, X, J, G, Q, K, C, Ç, H (PH, CH, NH, LH), L, N, D, T, R.

A religiosidade católica marca a obra de Martins (1854a), assim como também é possível identificá-la em Castilho (1853), entretanto no primeiro autor é possível perceber um caráter mais ufanista. Vários excertos das lições fazem menção a que o mestre deveria fazer o sinal da cruz “em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo” (MARTINS, 1854a, p. 18), de modo que invocaria “Deos no principio da lição e uma oração de graças no fim della” (*ibid.*, p. 19), ações essas apresentadas como recursos metodológicos e justificadas por “Deus é bom” (*ibid.*, p. 18).

Martins também defende a simultaneidade do ensino de leitura e escrita. Ademais, vários princípios do método Castilho, como a leitura auricular, que é “feita sem livros, é feita de ouvido” (*ibid.*, p. 22), foram conceituados e exemplificados na cartilha. O processo de leitura auricular e a decomposição das palavras em sílabas são exemplificados a partir da leitura do nome de Castilho.

Depois, tornando a repetir este nome, que nunca devemos esquecer, havemos de bater palmas a cada sylaba delle e dar um passo a cada palavra como já fizemos:
ANTONIO – um passo

FELICIANO – segundo passo
 DE – terceiro passo
 CASTILHO – quarto passo e alto frente
 Agora marchemos outra vez e digamos todos AN – TO – NIO FE – LI
 – CI – A – NO DE CAS – TI – LHO.
 Cada uma destas syllabas divide-se por uma palmada e entre cada palavra dá-se uma passada (MARTINS, 1854a, p. 22).

A leitura auricular, princípio basilar da proposta de Castilho (1853), é definida como uma “biforme repetição do mesmo processo” (BOTO, 2012, p. 57) e consiste na decomposição do objeto da leitura – a palavra – em elementos sonoros correspondentes aos valores da escuta das letras.

Compreendendo que a habilidade da leitura deriva da competência da fala, o método de Castilho, que se pretende explicitamente simples, eficaz e rápido, combina, analisa e disseca sons da palavra falada, decompondo-a em seus elementos fônicos e recompondo-a na sua totalidade de significado. É para tanto que Castilho sugere práticas entrelaçadas de decomposição das palavras em letras, atribuindo a estas a sonoridade que lhes seria original, para reconstituir, no final, a lógica da palavra inteira (BOTO, 2012, p. 56).

Essa dissecação, análise e combinação dos sons da palavra falada em elementos fônicos é exemplificada em propostas de exercícios constantes na cartilha de Martins, transcritos do método Castilho:

Depois d’algumas palavras lidas pelos discipulos auricularmente, passe-se á leitura auricular alternada. O mestre proponha, como acaba de fazer, os valores elementos, ou letras, para que os discipulos lh’os devolvam juntos em silabas, e as syllabas em palavras; os mesmos discipulos em acto continuo, sempre em côro e com palmas, lancem ao mestre os valores, elementos, ou letras da mesma palavra, para que elle lh’os recambie em syllabas, e finalmente na integra. Ex.
 MESTRE – R, à; p, á, ch?
 DISCIPULOS – Ra; pás: – Rapaz.
 OS MESMOS DISCIPULOS – R, à; p, á, ch?
 MESTRE – Rà; pás: – Rapaz.
 (MARTINS, 1854a, p. 29, grifos do autor).

Embora Martins faça muitas transcrições da obra de Castilho, também faz supressões, substituições e acréscimos, demonstrando sua perspectiva sobre o ensino de leitura e escrita, ao mesmo tempo que fornece ao professor autonomia para optar pelo que achar mais conveniente na condução do processo. Citações como a seguir são comuns em vários excertos das lições: “Transcrevemos no fim desta lição textualmente do methodo Castilho tudo quanto elle diz relativamente ás

letras de que tratamos. Quem achar melhor a sua maneira de ensinar adote-a e despreze a que lhe substituímos” (MARTINS, 1854a, p. 69).

Desse modo, a apropriação que Martins faz de Castilho traz um novo modo de conceber o método de leitura repentina em solo brasileiro. Portanto ele não foi apenas um plagiário, mas um intelectual atento às discussões sobre como ensinar a ler e escrever no contexto da circulação de ideias pedagógicas entre Portugal e Brasil.

Martins faleceu em 1854. Cyro Cardozo de Menezes, proprietário da revista *Ilustração Brasileira*, publica, nesse periódico, a morte repentina do autor, exaltando os seus feitos. Informa que nas vésperas do falecimento, ele chegou a ver a sua cartilha impressa, “mandando buscar já quasi moribundo as ultimas provas para ler, dizendo que ‘queria ter o gosto de morrer deixando a sua ultima obra prompta” (MENEZES, 1854, p. 119).

Após a morte de Martins, a *Cartilha de leitura repentina, ou plágio do Método Castilho* foi distribuída gratuitamente às Câmaras Municipais e às autoridades eclesiásticas, que poderiam retirá-la na Botica Central Homeopathica, no Rio de Janeiro, localizada, conforme os anúncios divulgam, na Rua de S. José, n. 59, local onde o impresso também estava à venda. Essa Botica vendia produtos homeopáticos diversos, divulgava-os a partir dos feitos que Martins obteve na descoberta de plantas medicinais e outros produtos naturais para produção de remédios (JORNAL DO COMMERCIO, 1855b).

Considerações Finais

Entre a rede de sujeitos e de espaços transatlânticos de circulação do método de leitura repentina do poeta português António Feliciano de Castilho, estão a abertura de escolas nas províncias do império e a difusão de sua proposta a partir de uma apropriação em forma de cartilha, intitulada pelo seu autor como um “plágio”. O termo “leitura repentina”, amplamente divulgado e atribuído na imprensa a Castilho, foi elaborado a partir da propaganda de ensinar a ler e escrever de forma rápida e compareceu em diferentes fontes históricas, como sessões de vendas de livros e anúncios gerais em vários jornais e em localidades do império.

Acrescenta-se que essa terminologia, posteriormente, foi utilizada na imprensa periódica oitocentista ou por alguns autores para se referir aos métodos que, de forma rápida e agradável, ensejavam ensinar leitura e escrita em poucas lições, como é o caso do método Bacadafá, de Antonio Pinheiro de Aguiar (1814-1894), adjetivado como “método de leitura abreviada” ou “método de leitura repentina” pelo seu autor. A cartilha de Pinheiro de Aguiar foi criada no final dos anos 50 do século XIX e divulgada mais fortemente na década seguinte (MACIEL; ROCHA, no prelo).

Ao investigar a divulgação e apropriação das ideias de António Feliciano de Castilho, em específico do seu método de leitura repentina, antes de sua vinda ao Brasil entre os anos de 1851 e 1855, identifica-se elevado número de adeptos brasileiros e portugueses residentes no império que fizeram investidas na divulgação do método criado pelo poeta português, havendo polêmicas, inclusive, sobre quem havia principiado a prática do método Castilho no Rio de Janeiro.

Em sua vinda ao Brasil em março de 1855, Castilho foi recebido por diversas autoridades brasileiras e encontrou, além da rede de apoiadores que impulsionaram a circulação de seu método – brasileiros e portugueses naturalizados no Brasil –, vários opositores que influenciaram no encerramento de seu curso. O português João Vicente Martins elaborou a *Cartilha de leitura repentina, ou plágio do Método Castilho* (MARTINS, 1854a) tentando conciliar as polêmicas geradas entre os defensores de Castilho e os defensores de Valdetaro e Costa Azevedo que, fundamentados na Filosofia Panecástica de Joseph Jacotot, traziam outros pressupostos filosóficos e políticos, causando assim polêmicas quanto ao curso de Castilho.

Castilho e Martins não se encontraram no Brasil, entretanto, incontestavelmente, Martins está entre os principais divulgadores dos ideários do método de leitura repentina no império e no Oitocentos. Até o momento, não conseguimos precisar quantitativamente a adoção e circulação da *Cartilha de leitura repentina, ou plágio do Método Castilho* pelas províncias. Todavia, o livro e seu autor entraram para as páginas da história da alfabetização e sobre Martins e sua obra, sem desconsiderar os estudos já existentes, ainda há muito o que se investigar.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Suzana Lopes de. A favor ou contra Castilho? Rede de apoiadores no império brasileiro. **Cadernos do Arquivo Municipal da Câmara Municipal de Lisboa**, v. 1, p. 1-12, 2022.
- ALBUQUERQUE, Suzana Lopes de. **Métodos de ensino de leitura no Império Brasileiro**: Antônio Feliciano de Castilho e Joseph Jacotot. São Paulo: Editora Unesp/ SBHE, 2023.
- ALVES, Cláudia Maria Costa. **Cultura e política no século XIX**: o exército como campo de constituição de sujeitos políticos no Império. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.
- BOTO, Carlota. **A escola primária como rito de passagem**: ler, escrever, contar e se comportar. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.
- BOTO, Carlota; ALBUQUERQUE, Suzana Lopes. Entre idas e vindas: vicissitudes do método Castilho no Brasil do século XIX. **Hist. Educ.**, Porto Alegre, v. 22, n. 56, p.16-37, 2018.
- CASTRO, César Augusto; BOTO, Carlota; MAGALHÃES, Justino. O espaço escolar e as “alfaias” para o ensino inicial da leitura pelo Método Português de Antônio Feliciano de Castilho. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 18, 2022.
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. 3ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
- MACIEL, Francisca Izabel Pereira; ROCHA, Juliano Guerra. Prefácios de manuais escolares de iniciação à leitura produzidos em Portugal e no Brasil do século XIX. In: CARDOSO, Cancionila Janzkovski; AMÂNCIO, Lázara Nanci de Barros; RODRIGUES, Sílvia de Fátima Pilegi; BERTOLDO, Sandra Regina Franciscatto (Orgs.). **História(s) de alfabetização, leitura e escrita**: concepções, práticas e materialidades. Rondonópolis: EdUFR, 2022.
- MACIEL, Francisca Izabel Pereira; ROCHA, Juliano Guerra. Antonio Pinheiro de Aguiar. In: VALDEZ, Diane; PANIZZOLO, Claudia; DIAS, Ana Raquel Costa; ROCHA, Juliano Guerra (Orgs.). **Dicionário de autoras/es de cartilhas e livros de leitura no Brasil [Século XIX]**. Volume 1. Goiânia: Cegraf UFG, no prelo.
- MOTA, Karla Rodrigues; ALBUQUERQUE, Suzana Lopes de. A Ciência na Sciencia: homeopatia versus alopatria no periódico brasileiro oitocentista (1847–1848). **Tecnia**, Goiânia, v. 3, n. 2, p. 68-88, 2018.
- ROCHA, Juliano Guerra. **História da alfabetização de crianças em Goiás, 1835-1886**. 2019. 334 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia (Faculdade de Educação), Uberlândia, Minas Gerais, 2019.

SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima. Ilustração Brasileira (1854-1855): leitura apresentativa de nossa primeira revista ilustrada. **Revista Ágora**, Vitória, n. 9, p. 4-15, 2009.

SANTOS, Wilza Betania dos. João Vicente Martins: do pessoal à discussão sobre as nacionalidades. **Almanack**, Guarulhos, n. 20, p. 266-281, 2018.

VIANNA FILHO, Luiz. **A Vida de Ruy Barbosa**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1960.

VOJNIAK, Fernando. **O Império das primeiras letras: Uma História da Institucionalização da Cartilha de Alfabetização no Século XIX**. Curitiba: Editora Prismas, 2014.

Fontes

BRASIL. [1854]. **Annaes do parlamento brasileiro. Segundo anno da nona legislatura**. Sessão de 1854. Rio de Janeiro: Typographia de Hyppolito José Pinto & C.^a, 1876.

CASTILHO, Antonio Feliciano de. [1853]. **Metodo Castilho para o ensino rapido e aprasivel do ler impresso, manuscrito, e numeração e do escrever**. 2^a edição inteiramente refundida, aumentada, e ornada de um grande número de vinhetas. Lisboa: Imprensa Nacional, 1853. Biblioteca Nacional de Portugal.

CASTILHO, António Feliciano de. [1854]. Carta lida durante o discurso de Jaguaribe. **Annaes do parlamento brasileiro. Segundo anno da nona legislatura**. Sessão de 1854. Rio de Janeiro: Typographia de Hyppolito José Pinto & C.^a, 1876, p. 172.

CASTILHO, António Feliciano de; LEITE, Luiz Felipe. [1857]. **Revista da Instrução Publica para Portugal e Brazil**. Lisboa: Imprensa União-Typographica, 1857.

CASTILHO, Júlio de. [1902]. Memórias de Castilho. **O Instituto**: jornal científico e literário, Coimbra, Imprensa da Universidade, v. 49, 1902.

DIARIO DE PERNAMBUCO. [1851]. Livro baratos. **Diario de Pernambuco**, Pernambuco, ano XXVII, n. 36, quarta-feira, 13 de fevereiro de 1851, p. 4.

DIARIO DE PERNAMBUCO [1854a]. Alagoas, Maceió, 12 de março de 1854. **Diario de Pernambuco**, anno XXX, n. 60, Pernambuco, terça-feira, 14 de março de 1854, p. 2.

DIARIO DE PERNAMBUCO. [1854b]. Bahia. **Diario de Pernambuco**, anno XXX, n. 62, Pernambuco, quinta-feira, 16 de março de 1854, p. 1.

FARIA, José Leão de Gouvêa. [1853]. O methodo Castilho. **Correio Mercantil**, Rio de Janeiro, anno x, n. 347, quarta-feira, 14 de dezembro de 1853, p. 2.

GAMBÔA, Francisco de Freitas. [1854]. Methodo repentino de leitura e escripta, em vinte lições, no collegio S. Francisco Xavier... **Diario de Pernambuco**, Pernambuco, anno XXX, n. 79, sexta-feira, 7 de abril de 1854, p. 4.

GAMBÔA, Francisco de Freitas. [1856]. Escola filial do methodo Castilho. **O Liberal Pernambucano**, Pernambuco, anno V, n. 1088, terça-feira, 27 de maio de 1856, p. 3.

JAGUARIBE. [1854]. **Annaes do parlamento brasileiro. Segundo anno da nona legislatura**. Sessão de 1854. Rio de Janeiro: Typographia de Hyppolito José Pinto & C.^a, 1876, p. 171.

JORNAL DO COMMERCIO. [1853a]. OBRAS modernamente publicadas por Antonio Feliciano Castilho... **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ano XXVIII, n. 167, sexta-feira, 17 de junho de 1853, p. 3.

JORNAL DO COMMERCIO. [1853b]. Collegio de S. João Baptista, Nitherohy, S. Domingos. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ano XXVIII, n. 357, segunda-feira 26 e terça 27 de dezembro de 1853, p. 4.

JORNAL DO COMMERCIO. [1854a]. Collegio de S. Januario, Rua de S. Diogo, n. 21, Methodo Castilho. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ano XXIX, n. 5, quinta-feira, 5 de janeiro de 1854, p. 3.

JORNAL DO COMMERCIO. [1854b]. Sr. Redactor... **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, anno XXIX, n. 3, terça-feira, 3 de janeiro de 1854, p. 2.

JORNAL DO COMMERCIO. [1854c]. Cartilha de leitura repentina, ou plagio do methodo Castilho por João Vicente Martins. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, anno XXIX, n. 243, sabbado, 2 de setembro de 1854, p. 4.

JORNAL DO COMMERCIO. [1855a]. Folhetim do jornal do commercio, a semana. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, anno XXX, n. 84, domingo, 25 de março de 1855, p. 1.

JORNAL DO COMMERCIO. [1855b]. Cartilha de leitura repentina, ou plagio do methodo Castilho por João Vicente Martins. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, anno XXX, n. 13, sabbado, 13 de janeiro de 1855, p. 4.

MARTINS, João Vicente. [1853a]. Methodo-Castilho. Segunda escola gratuita de leitura repentina. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ano XXVIII, n. 295, segunda-feira, 24 de outubro 1853, p. 3.

MARTINS, João Vicente. [1853b]. Tres novidades e a reimpressão do methodo Castilho. **Correio Mercantil**, Rio de Janeiro, anno X, n. 251, quinta-feira, 9 de setembro de 1853, p. 2.

MARTINS, João Vicente. [1854a]. **Cartilha de leitura repentina, ou plágio do Methodo Castilho**. Rio de Janeiro: Tipografia da Viúva Vianna Junior, 1854.

MARTINS, João Vicente. [1854b]. Gillographia ou Paniconographia-Gillot. **Ilustração Brasileira**, vol. I, n. 3, Rio de Janeiro, abril de 1854.

MARTINS, João Vicente. [1854c]. O methodo-Castilho e o Sr. Zaluar. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, anno XXIX, n. 49, sábado, 18 de fevereiro de 1854, p.1-2.

MENEZES, Cyro Cardozo. [1854]. **Ilustração Brasileira**, v. 1, Rio de Janeiro, 1854, p. 119.

O LIBERAL PERNAMBUCANO. [1854]. Cura da mudez pelo methodo- Castilho. **O Liberal Pernambucano**, Pernambuco, anno III, n. 640, terça-feira, 28 de novembro de 1854, p. 3.

O LIBERAL PERNAMBUCANO. [1855]. Diversos methodos d'ensino elementar. O liberalP. 2. **O Liberal Pernambucano**, Pernambuco, anno IV, n. 677, segunda-feira, 15 de janeiro de 1855.

RIO DE JANEIRO. [1855]. **Almanak administrativo, mercantil e industrial da Corte e Provincia do Rio de Janeiro para o anno de 1855**. Duodecimo anno (segunda serie VII). Rio de Janeiro: Casa dos Editores-proprietarios Eduardo e Henrique Laemmert, 1855.

SCIENCIA. [1847]. Sciencia, **Revista Synthetica dos Conhecimento Humanos, Rio de Janeiro**, v. 1, n. 3, setembro de 1847.

WANDERLEY, João Mauricio. [1855]. Bahia. Relatorio apresentado no 1º do corrente á Assembleia Provincial da Bahia pelo respectivo presidente o Sr. Dr. João Mauricio Wanderley. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, anno XXX, n. 82, sexta-feira, 23 de março de 1855, p. 1-2.

ZALUAR, Augusto Emilio. [1853]. Collegio Zaluar. Rua do Cattete n. 175. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ano XXVIII, n. 358, quarta-feira, 28 de dezembro de 1853, p. 4.